

## ALGUMAS INVESTIGAÇÕES EM TORNO DOS SIGNIFICADOS DA CORPOREIDADE: REFLEXÕES DE DUAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

**Professora Ms.Amparo Cupolillo**

UFRRJ/Doutoranda UFF.

**Professora Ms.Martha Cupolillo**

UFF/Doutoranda UERJ.

### RESUMO

*Este trabalho busca refletir acerca das noções de corpo e corporeidade presentes entre graduandos e pós-graduandos em Educação Física. Essas reflexões são frutos de um processo contínuo de experiências que vivenciamos como professoras pesquisadoras. Não pretendemos fazer análises generalizantes nem tão pouco lineares e deterministas. Temos a compreensão da complexidade que se impõe ao problematizarmos os significados da corporeidade com alunos(as) e professores(as) de Educação Física, especialmente por assumirmos como percurso teórico-metodológico a pesquisa com os cotidianos.*

### ABSTRACT

*This work seeks to think about the notions of body and corporality among graduating and post-graduating students of Physical Education. These reflections are results of a continuous process of experiences that we live as both teachers and researchers. We do not aim to do generalized analysis, neither an deterministic and linear one. We understand the imposition of the complexity when we think about the meanings of corporality with students and teachers of Physical Education, especially because we assume a theoretic-metodological way of research about the everyday.*

### RESUMEN

Este trabajo intenta reflejar sobre los conceptos de cuerpo e corporalidad presentes entre los alumnos de graduación y post-graduación en Educación Física. Estas reflexiones son los resultados de un proceso continuado de experiencias que nosotros vivenciamos como profesoras y pesquisadoras. No pretendemos hacer análisis generalizantes, tampoco lineares y deterministas. Tenemos la comprensión de la complejidad que se impone cuando problematizamos los significados de la corporalidad con los alumnos y los profesores de Educación Física, especialmente por asumirmos como percurso teórico-metodológico la pesquisa con los cotidianos.

Algumas reflexões que agora colocamos para dialogarmos com os nossos pares são frutos de um processo contínuo e inacabado de experiências que vivenciamos no exercício de nos fazermos professoras pesquisadoras. Não pretendemos fazer análises generalizantes nem tão pouco lineares e deterministas. Temos a compreensão da complexidade que se impõe ao

tratarmos dessa temática. No entanto, assumimos, com perdas e ganhos, a escolha pelo caminho teórico-metodológicos da pesquisa com os cotidianos. Essa opção nos coloca como sujeitos nesses percursos de investigação e nos abre a possibilidade de explicitarmos nossas compreensões sem pretensões de verdades absolutas.

A lógica hegemônica dos processos de escolarização - para os que pensam e selecionam os conteúdos que são fundamentais de serem apreendidos no ambiente escolar - se reflete em modelos que ao longo da história desconsideram a corporeidade como lócus de produção e tessitura de saberes e conhecimentos considerados importantes. Essa constatação encaminha as nossas reflexões para problemas e desconfortos muito mais complexos do que o conforto aparente com o qual a escola lida com os corpos dos alunos, reduzindo-os a uma concepção puramente biológica respaldada na herança cartesiana da dicotomia corpo e mente e dentro da lógica domesticadora e controladora dos mesmos. No entanto, temos pensado que ainda mais complexo do que provocar uma desestabilização dessa compreensão dicotômica de corpo é assumir a incerteza e a incapacidade de dizermos o que é corpo, o que é corporeidade e quais são as potencialidades da corporeidade nos processos de construção de conhecimentos no cotidiano da escola.

São nesses caminhos de dúvidas que nos colocamos e que nos instigam a pensar que mais importante do que buscarmos definições de corpo seria o de nos fazermos a mesma indagação que fez Deleuze, citado por Lins e Gadelha, em seus diálogos com Espinosa quando disse: “- mas nós nem sequer sabemos de que é capaz um corpo? (2002, p.72).

Acreditamos que essa pergunta tem muitas possibilidades de respostas e que, sem nenhum paradoxo, suas respostas nos levam, necessariamente, a compreensões ambíguas. Isto significa que, do nosso ponto de vista, tanto pode o corpo ser sujeição controlado sob formas de aprisionamentos, disciplinamentos, modelizações, ou seja, *espaçotempo* de reproduções; quanto pode o corpo ser resistência, ter potencialidades, isto é ser um *espaçotempo* de produção (Alves, 1999).

Cabe ressaltar que toda essa dinâmica se dá a partir dos encontros e desencontros com outros corpos. O que são os corpos e o que eles podem está intimamente ligado às redes de relações que se criam e se (re)criam em seus múltiplos contextos de vida. O corpo sozinho é o corpo “morto”; o corpo “vivo” é o “corposujeito”, tecido em relações. Portanto, entendemos que somos todos nós seres humanos, pertencentes a uma mesma espécie, o que nos faz *corposujeitos* com semelhanças e diversidades biológicas, e que, sem nenhum paradoxo, somos também esses *corposujeitos* imersos num caldo histórico e cultural que nos permite igualmente a pluralidade e a singularidade. Somos, portanto, seres biológica e culturalmente unos e múltiplos.

O corpo é *corposujeito* produto e produtor de culturas, ou seja, é ele próprio um artefato cultural. Logo, os corpos de que falamos são *artefatos culturais*, tecidos nos/com os contextos socioculturais nos quais se inserem e, assim sendo, são teias de circulação de culturas híbridas. Como diz Geertz (1999), a cultura é plural e o *corposujeito* está mergulhado nessas teias que ele mesmo teceu/tece, sendo essas teias as culturas e seus significados. Seguimos concordando com Najmanovich (2001), ao sugerir que o corposujeito emerge de nossas experiências sociais e históricas em contextos específicos e atravessados por múltiplos imaginários.

No entanto, o que vivemos e no que esbarramos a todo o momento é com um esforço contínuo de produção social de um modelo, um padrão de corpo que ganha visibilidade nos

ambientes familiar, de trabalho, de lazer, na mídia, no espaço escolar. Esse modelo refere-se, geralmente, a um corpo jovem, branco, magro, com musculatura definida, que não só assume um lugar de destaque e prestígio social, como também se associa, de forma linear e direta, ao sucesso e a felicidade. E mais, passa a ser referência para desqualificar e hierarquizar corpos que se diferenciam desse padrão. Esses padrões possuem relação direta com as relações de poder que permeiam o tecido social e, especificamente, as que trabalham no sentido de conformar os estereótipos corporais, esforçando-se para constituir uma concepção hegemônica de corpo.

Dito de outra forma, vivemos numa sociedade em que a tão propagada “liberação do corpo” com as quebras de “tabus”, a exposição pública do corpo desnudo, o processo de erotização no qual é envolvido e se envolve em nome da “liberação sexual” e do prazer, ao mesmo tempo em que produziu avanços históricos, envolveu os sujeitos num “processo de escravidão”, que pode ser exemplificado pela busca incessante por mudanças corporais, ainda que sejam baseadas em sacrifícios e restrições. Ou seja, existe uma crescente tendência em valorizar e mostrar os corpos, ao mesmo tempo, que cada vez mais eles são explorados e violentados.

Com Ginzburg (1987), vamos em busca de outras possíveis elucidações para os enigmas que nos colocamos, ficando atentas às *pistas*, aos *indícios* que nos mostram para além do que é evidente. Ao sentirmo-nos desafiadas pelos enigmas encaramos os nossos limites e envoltas em nossas dúvidas como pesquisadoras com os cotidianos, compreendemos que é nos *usos* do que é imposto que se criam novos caminhos, novas *estratégias* (Certeau, 1994).

Partimos do pressuposto de que são nesses *espaçotempos* de tensões que devemos refletir acerca de como se organizam e se consolidam, como construções históricas e culturais, determinados padrões de corpos, e como essas construções vão se legitimando como representações corporais aceitas socialmente, enquanto outros corpos vão ficando à margem, desqualificados e desprestigiados socialmente.

Envolvidas nos processos de formação inicial e continuada de estudantes e professores de Educação Física percebemos a importância e a urgência em problematizarmos as diferentes noções de corpo que aparecem entre eles, no sentido de buscarmos um possível tensionamento desses padrões culturais tão fortemente divulgados e veiculados em nossa sociedade. Nossas experiências têm nos demonstrado o quanto a idéia de “corpo máquina” e de “corpo biológico” ainda é recorrente nas representações corporais de muitos de nossos alunos e professores, o que, conseqüentemente, chega às escolas pelo desenrolar das práticas pedagógicas cotidianas da Educação Física Escolar.

Algumas falas de nossos(as) alunos(as) em suas participações em trabalhos diversificados que fazemos em torno dessa temática nos mostram isso e nos instigam a continuarmos a problematizar essas questões. Muitos dos relatos que temos como nosso material de pesquisa nos fazem ver o quanto esse processo histórico marcou/marca o que ainda hoje é um pensamento hegemônico nas concepções de corpo que conformam o imaginário dos discentes e docentes de Educação Física. Tomaremos algumas falas para exemplificar:

***“Corpo é o conjunto harmônico de membros, órgãos e sistemas, e que quando estimulado se movimenta como uma grande engrenagem” (aluno 5º período).***

**“Corpo é um conjunto de partes (braço, pernas,... que formam um todo que serve como meio de trabalho e transporte no mundo” (pós-graduando).**

**“O corpo é a mais magnífica e completa máquina que existe” (aluno do 5º período).**

**“Corpo é uma máquina perfeita a qual temos que aprender a não agredi-la” (aluno do 5º período).**

**“Corpo é algo que faz parte de algo maior, uma peça para que uma grande máquina funcione” (pós-graduando).**

**“O Corpo é o reflexo da nossa alma” (pós-graduando).**

**“Meu corpo é a minha apresentação, quero ser professor de Educação Física tenho que cuidar da minha aparência”(aluno do 1º período).**

**“Meu corpo são meus ossos, músculos... é a minha saúde que tenho que cuidar porque é com ele que eu vou trabalhar”(aluna do 1º período)**

Nesse sentido, a Educação Física enquanto um *campo*, no sentido que lhe atribui Bourdieu (1998), ou seja, como um espaço dinâmico de reproduções e produções de significados; bem como nós, professores(as) que trabalhamos com as suas práticas cotidianas, precisamos refletir criticamente acerca dessas representações corporais ditas hegemônicas e procurar desnaturalizar o que nos parece dado como sendo “natural”, “normal”, ao pensarmos nos modelos e estereótipos corporais.

Pensamos os corpos como artefatos culturais, por compreendermos que *corpossujeitos* possuem corporeidades que são as formas de ser e estar no mundo. Logo, o ser humano não tem um corpo, ele é o seu corpo, que se expressa e se tece nas redes de relações sociais, históricas e culturais as quais vão marcando a individualidade e a coletividade, bem como as semelhanças e as diferenças nas suas formas de produção de conhecimentos.

Portanto, pensar os *corpossujeitos* como artefatos culturais no cotidiano da escola é estar em constante estado de indagação e investigação com a intencionalidade de compreender a dinâmica da constituição das histórias de corpos que se criam e recriam imbricadas nesses *espaçostempos*.

Os corpos são também os seus entornos e pensar nos corpos e em como eles se constituem como cultura material no espaço escolar é um campo de investigação fértil para a construção de uma proposta político-pedagógica emancipadora da Educação Física, que numa luta contra-hegemônica compreenda que as diferenças estão no mundo e que é necessário que ao invés de tentarmos o que é impossível, ou seja, igualá-las, e quem sabe ainda pior, inferiorizá-las, o que precisamos é aprender a negociar e a conviver com elas.

Ampliar as concepções de corpo é fundamentalmente importante para a Educação Física porque provoca tensões, desestabiliza valores. E, são nas teias culturais que determinados valores vão se naturalizando como características positivas e/ou negativas e vão se constituindo em conceitos que passam a se traduzir em modelos ou em preconceitos que passam a desqualificar o que foge dos modelos e padrões, provocando processos de negociações constantes das diferenças culturais que convivem nos *espaçostempos* cotidianos.

Se a Educação Física pode ser, como pensamos, uma ciência de práticas cotidianas, precisamos pensar nesses cotidianos a partir das situações, relações e circunstâncias que envolvem todos os sujeitos que neles estão encarnados, isso significa pensar nas pluralidades, nas subjetividades e nas hibridações culturais e nas produções que daí emergem.

Assim, ao fíarmos das ampliações das concepções de corpo e da necessidade que a corporeidade dos sujeitos faça parte das novas possibilidades dos processos educativos, parece-nos que os estranhamentos e as problematizações acerca das compreensões dos seres humanos e, conseqüentemente do que seja sua corporeidade, podem nos fazer ver, sentir, ouvir, tocar em pistas e indícios que nos façam caminhar por percursos nos quais os *corposujeitos* sejam inscritos em/com significados que extrapolem o exclusivamente biológico. Assim entendemos ser possível que o conhecimento, dito como unicamente “cognitivo”, seja inscrito num corposujeito ou numa mente encarnada, com um pertencimento que extrapole as noções restritas e fragmentárias provenientes da dicotomia corpo/mente.

Atuando nos processos de formação inicial e continuada, sempre inacabado, de docentes de Educação Física entendemos ser necessário problematizar essa compreensão de que os corpos não são matérias deslocadas de sujeitos que possuem mentes e que a corporeidade é constitutiva de processos de construções de conhecimentos significativos, singulares e plurais envolvendo o coletivo da escola.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Tecer conhecimentos em rede. In: ALVES, Nilda, GARCIA, Regina Leite (Orgs.) **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano. Artes de Fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1987.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. R.J.: Editora Afiliada, 1999.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: O cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição**. S.P.: Companhia das Letras, 1987.
- LINS, Daniel e GADELHA, Sylvio (Orgs.) **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. R.J.: Relume Dumará. Secretaria da Cultura e Desportos, 2002.
- NAJMANOVICH, Denise. **O Sujeito encarnado. Questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

### **Amparo Cupolillo**

Estrada da Cachamorra, nº 133 casa 15. Campo Grande – Rio de Janeiro, RJ  
E-mail: amparo@ufrj.br

### **Martha Cupolillo**

Rua 15 Lote 42 Quadra 25, Condomínio Terra Verde, Itaipu, Niterói, R.J.  
E-mail magatha@uol.com.br